

# MATERNIDADES PANDÊMICAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS DURANTE O FECHAMENTO DAS CRECHES NO RIO DE JANEIRO

LAURA LOWENKRON<sup>1</sup>  
LETICIA HASTENREITER<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo do artigo é analisar comparativamente os efeitos do prolongado fechamento das creches públicas e privadas durante a pandemia da Covid-19 nos arranjos de cuidado e experiências de maternidade de mulheres de diferentes classes sociais no Rio de Janeiro. A partir disso, busca investigar também se e como a ausência desse suporte institucional para o cuidado de crianças foi vivenciado como um evento crítico que reconfigurou, ainda que temporariamente, as experiências de maternidade dessas mulheres. Ao investigar as diferenças na configuração das maternidades pandêmicas, buscamos chamar atenção para a importância de uma perspectiva analítica interseccional, que leve em conta a articulação entre diferentes marcadores sociais (como classe, gênero, idade, raça e local de moradia) na compreensão da relação entre o evento extraordinário e a vida ordinária.

## PALAVRAS-CHAVE

Maternidade; Pandemia; Creche; Cuidado.

## *PANDEMIC MOTHERHOODS: THE EXPERIENCE OF WOMEN FROM DIFFERENT SOCIAL CLASSES DURING THE DAYCARE CENTERS CLOSURE IN RIO DE JANEIRO*

## ABSTRACT

The article aims to comparatively analyze the effects of the prolonged closure of public and private daycare centers during the Covid-19 pandemic on the care arrangements and motherhood experiences of women from different social classes in Rio de Janeiro. It also seeks to investigate whether and how the absence of this institutional support for child care was experienced as a critical event that reconfigured, albeit temporarily, these women's experiences of motherhood. By investigating the differences that made a difference in the configuration of pandemic motherhoods, we sought to draw attention to the importance of an intersectional analytical perspective, which takes into account the articulation between different social markers (such as class, gender, age, race and place of residence) in the understanding the relation between the extraordinary event and the ordinary life.

## KEYWORDS

Motherhood; Pandemic; Daycare center; Childcare.

---

<sup>1</sup> Mãe, antropóloga, professora do Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro (IMS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenadora executiva do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), pesquisadora da Rede Transnacional de Pesquisas sobre Maternidades Destituídas, Violadas e Violentadas (REMA) vinculada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Jovem Cientista do Nosso Estado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

<sup>2</sup> Mãe, pediatra, mestre e doutoranda em Saúde Coletiva pelo IMS da UERJ.

***MATERNITÉS PANDÉMIQUES : EXPÉRIENCES DE FEMMES DE DIFFÉRENTES CLASSES SOCIALES LORS DE LA FERMETURE DES CRÈCHES À RIO DE JANEIRO***

**RÉSUMÉ**

L'objectif de l'article est d'analyser de manière comparative les effets de la fermeture prolongée des soins publics et privés pendant la pandémie de Covid-19 sur la modalité des soins et les expériences de maternité des femmes de différentes classes sociales à Rio de Janeiro. Il s'agit également d'examiner si et comment l'absence de ce soutien institutionnel à la garde d'enfants a été vécue comme un événement critique qui reconfigure, même temporairement, les expériences de maternité de ces femmes. En étudiant les différences qui ont fait une différence dans la configuration des expériences de maternité pendant la pandémie, nous cherchons à attirer l'attention sur l'importance d'une perspective analytique intersectionnelle, qui prend en compte l'articulation entre différents marqueurs sociaux (tels que la classe, le sexe, l'âge et lieu de résidence) dans la compréhension de la relation entre les événements extraordinaires et la vie ordinaire.

**MOTS-CLÉS**

Maternité; Pandémie; Garderie; Soins.

***MATERNIDADES PANDÉMICAS: EXPERIENCIAS DE MUJERES DE DIFERENTES CLASES DURANTE EL CIERRE DE GUARDERÍAS EN RÍO DE JANEIRO***

**RESUMEN**

El objetivo del artículo es analizar comparativamente los efectos del cierre prolongado de la asistencia pública y privada durante la pandemia de la Covid-19 sobre la modalidad de atención y las experiencias de maternidad de mujeres de diferentes clases sociales en Río de Janeiro. También se trata de examinar si y cómo la ausencia de este apoyo institucional para el cuidado infantil fue vivida como un evento crítico que reconfigura, aunque sea temporalmente, las experiencias de maternidad de estas mujeres. Al estudiar las diferencias que han marcado una diferencia en la configuración de las experiencias de maternidad durante la pandemia, buscamos llamar la atención sobre la importancia de una perspectiva analítica interseccional, que tenga en cuenta la articulación entre diferentes marcadores sociales (como clase, género, edad y lugar de residencia) en la comprensión de la relación entre el acontecimiento extraordinario y la vida ordinaria.

**PALABRAS CLAVE**

Maternidad; Pandemia; Guarderías; Cuidado de niños.

## INTRODUÇÃO

Dados provenientes de diferentes países e regiões do mundo indicam que as medidas sanitárias relacionadas ao combate à Covid-19, em especial o fechamento das instituições educacionais e o isolamento das famílias no espaço doméstico, impactaram globalmente as experiências de maternidade e de cuidado de crianças (Green; O'Reilly, 2021). No Brasil, esses efeitos se tornaram particularmente dramáticos por ter sido um dos países que manteve por mais tempo as creches e escolas fechadas, embora tenha sido, paradoxalmente, um dos que menos adotou o *lockdown* para controlar a pandemia.

A desastrosa gestão da crise sanitária por um governo negacionista de extrema direita resultou em mais de 700 mil mortes no país, decorrentes de uma precipitada reabertura econômica, de uma política de desinformação sanitária<sup>3</sup> e do adiamento de compra de vacinas, associadas à precarização dos equipamentos públicos de educação, saúde e cuidado. Essa política acabou levando ao sucessivo adiamento da retomada das atividades presenciais em creches e escolas, especialmente as públicas, que foram um dos primeiros estabelecimentos a fechar e um dos últimos a reabrir.

Segundo relatório da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgado em outubro de 2022, o Brasil foi o segundo país da América do Sul e o quarto do mundo que permaneceu mais tempo com as escolas fechadas durante a pandemia da Covid-19<sup>4</sup>. Após sete meses de sucessivos adiamentos da reabertura escolar, em meio a muitas controvérsias públicas, boa parte das instituições privadas retomou suas atividades presenciais em outubro de 2020, enquanto as creches<sup>3</sup> e escolas públicas começaram a reabrir de maneira lenta e gradual em março do ano seguinte, com retorno pleno em outubro de 2021 (Lowenkron, 2022).

O prolongado fechamento de creches e escolas intensificou o culturalmente naturalizado processo de familiarização e feminização do cuidado de crianças no país (Lowenkron, 2022). Mesmo sendo uma atividade essencial para a manutenção da vida (Tronto, 1998), o trabalho de cuidado permaneceu invisibilizado e tomado como auto evidente no contexto da crise sanitária (Green; O'Reilly, 2021; Lowenkron, 2022). Como sugere Cortez (2022, p. 15), referindo-se ao contexto brasileiro, “o longo fechamento só foi

---

<sup>3</sup> Essa política de desinformação protagonizada no governo do então presidente Jair Bolsonaro incluiu recomendações de uso de medicamentos não comprovados cientificamente, a uma falsa dicotomia entre economia x saúde associada a críticas, sabotagem às medidas de isolamento social e campanhas antivacinação que colocavam em suspeição a segurança e efetividade dos imunizantes contra a Covid-19.

<sup>4</sup> Ver: <https://www.terra.com.br/economia/dinheiro-em-acao/brasil-foi-o-4-pais-com-mais-tempo-de-escolas-fechadas-na-pandemia-diz-ocde,ee5057bc0ff3a4bce1c40fc39468102bsovfxpml.html#:~:text=O%20Brasil%20foi%20o%20segundo,%2Dfeira%2C%203%2F10>. Acesso em: 29 mai. 2024.

possível porque havia a assunção tácita de que alguém se encarregaria das crianças e adolescentes em casa: as mulheres, majoritariamente”. Isso revela o quanto há de ordinário na experiência desse evento extraordinário do ponto de vista das mulheres (Carneiro; Muller, 2020), inclusive no que se refere às desigualdades estruturais entre elas.

Como outras autoras já vem demonstrando, no Brasil existe uma percepção cultural amplamente compartilhada de que cabe à família e, particularmente, à mãe, o cuidado de crianças pequenas (Guedes, 2016; Guimarães *et al.*, 2021). Embora a luta pelo acesso à creche esteja entre as principais reivindicações do movimento feminista no país pós ditadura militar e a Constituição Federal brasileira tenha garantido esse direito desde 1988, a transferência do cuidado de crianças pequenas das famílias para as instituições de educação infantil está longe de ser uma prática universal no país, sendo o caso de 35,6% das crianças de 0 a 3 anos.

Desigualdades de raça, classe e território marcam diferentes regimes de cuidado de crianças no país (Sorj; Fontes, 2012; Fernandes, 2020). Anualmente, matérias da imprensa registram os números alarmantes sobre famílias que não conseguem acesso às creches públicas. Somente em 2019, mais de 36 mil crianças estavam na lista de espera por creche no Rio de Janeiro, conforme indicam os dados de jornais, sendo que mais de 90% dessa lista estava em bairros das zonas oeste e norte, regiões com piores marcadores sociais da cidade (Morais, 2019).

Dados nacionais recentes mostram ainda que, enquanto entre as famílias mais pobres, que dependem das creches públicas, a frequência à creche é de apenas 23,7%, nas mais ricas, que podem pagar por serviços privados, o acesso chega a 52,8% (Guimarães *et al.*, 2021). Enquanto mulheres de maior renda têm cada vez mais recorrido ao mercado para externalização do cuidado, para as famílias pobres, às quais se dirige os serviços públicos: “a orientação tem sido o reforço do cuidado nas famílias — e pelas mulheres” (Moreno, 2019, p. 57).

Essa visão familista e maternalista do cuidado de crianças no país representa uma “enorme concentração de trabalho reprodutivo na figura da mãe ou de outras mulheres” (Guedes, 2016, p. 20), associada a uma forte carga moral sobre o exercício feminino dos papéis parentais. Tendo como pano de fundo esse ideal familista e maternalista do cuidado de crianças pequenas no contexto brasileiro, este artigo busca descrever os modos pelos quais mulheres mães de diferentes classes sociais que tinham acesso à creche no início da pandemia vivenciaram a experiência de maternagem no período de suspensão das atividades presenciais nas instituições de educação infantil públicas e privadas. Além disso, analisa comparativamente como foram (re)organizados nesse contexto os “arranjos de cuidado”, categoria analítica proposta por Natalia Fazzioni (2018) que remete à ideia de improviso contida na expressão “arranjar”, isto é, “‘dar um jeito’, ‘resolver’ um problema que se impõe cotidianamente” (Fazzioni, 2018, p. 145).

A pesquisa junto às mulheres de camadas médias foi realizada durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19 através de observação participante em um grupo de *WhatsApp* de pais e mães de uma creche privada da zona sul do Rio de Janeiro e complementada por entrevistas com integrantes desse grupo entre janeiro e março de 2023. A pesquisa junto a mães de classes populares ocorreu a partir de uma roda de conversa em uma creche pública em uma favela da zona norte do Rio de Janeiro em março de 2023, seguida por entrevistas com algumas dessas mulheres que tinham filhos matriculados nessa instituição no início da pandemia<sup>5</sup>.

Ao investigar as “diferenças que fizeram diferença” (Cho; Crenshaw; McCall, 2013) na configuração das maternidades pandêmicas, buscamos chamar atenção para a importância de uma perspectiva analítica interseccional que leve em conta a articulação entre diferentes marcadores sociais (como classe, gênero, idade, raça e local de moradia) na compreensão da relação entre o evento extraordinário e a vida ordinária (Das, 2007). Com isso, pretendemos complexificar a compreensão da relação entre o evento crítico da suspensão prolongada das atividades presenciais em instituições de educação infantil, os (re)arranjos de cuidado cotidiano de crianças pequenas durante a pandemia da Covid-19 e a conformação de diferentes experiências de maternidade pandêmicas.

## CONSELHOS E FRUSTRAÇÃO: MULHERES DE CLASSE MÉDIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Para as famílias brasileiras de classe média, que geralmente contam com o mercado (creches privadas e/ou empregadas domésticas) para a externalização do cuidado de seus filhos, a pandemia de SARS-CoV-2 promoveu uma experiência extraordinária de intensificação dos cuidados parentais e dos serviços domésticos, frequentemente sobrepostos às exigências do *home office*.

Embora para essas famílias a creche fizesse falta no cotidiano como ambiente de sociabilidade para os filhos e suporte para as mães e pais poderem trabalhar, a instituição de educação infantil é valorizada também nas camadas médias como espaço de cuidado especializado e moderno, conduzido por especialistas, capaz de estimular adequadamente o desenvolvimento das crianças. Em função disso, o “bom cuidado” especializado ofertado pela creche foi frequentemente contrastado pelas mulheres entrevistadas com o “malcuidado”

---

<sup>5</sup> A pesquisa junto a mulheres de camadas médias foi realizada por Lowenkron, coordenadora do projeto “Gênero, família e Estado: governo da infância, pandemia e a gestão da (não) reabertura escolar no Rio de Janeiro”, financiado pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (PJCNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) (processo E-26/201.441/2022). A roda de conversa na creche pública e as entrevistas com mulheres de classes populares integraram o material empírico da dissertação de mestrado de Hastenreiter (2024), com orientação de Lowenkron, também no âmbito do referido projeto FAPERJ.

ou “cuidado possível” das avós, empregadas domésticas e/ou pais e mães ocupados que “deixam na tela”, “não sabem e/ou não têm tempo de estimular adequadamente”, “não alimentam de maneira saudável”.

Uma mãe solo entrevistada durante a pesquisa atribuiu o atraso no processo de alfabetização do seu filho à falta de uma supervisão especializada durante a pandemia: “por mais que a gente fizesse as aulas em casa eu não sou professora, né? Não sabia explicar, não tinha paciência e eu tinha que trabalhar...” (Entrevista on-line, 23/02/23). Outra mãe do grupo, por ser profissional de saúde, contou com o apoio da avó da criança e, depois de alguns meses, também da empregada doméstica para trabalhar fora. Ela justificou a decisão de enviar o filho para creche quando a instituição reabriu, apesar dos riscos sanitários, no final do primeiro ano da pandemia, dessa maneira:

*Minha mãe botando açúcar no suco do meu filho o tempo todo, full time na televisão, ai gente, eu prefiro que ele vá para creche. Ai eu assumi o risco e deu certo. [...] Ela (empregada) não é só babá; ela é tudo. Ela que cozinha, que lava roupa, que faz faxina tomando conta do menino. Então, para conseguir otimizar o tempo, ela tem que deixá-lo na televisão. [...] Tudo bem, faz parte, eu não posso cobrar o mesmo cuidado que eu tenho com meu filho, que eu quero ter, para todo mundo que está com ele. Cada um vai cuidar diferente sempre e está tudo bem. O problema é só que quando eu tento estabelecer uma rotina é uma coisa, quando eu escolho uma creche, eu escolho pensando nessa mesma rotina, próximo do que eu acredito ser ideal para o meu filho (Entrevista presencial, 15/02/23).*

O tema das “telas” é recorrente por parte das mães e dos especialistas, geralmente associado a um comportamento prejudicial às crianças e que demonstra a inadequação do cuidado. Albuquerque *et al.* (2023) explicam que, desde a popularização dos televisores, há certo temor de que o uso de telas prejudique o desenvolvimento infantil e que, atualmente, o discurso médico preponderante relaciona diretamente as telas a riscos para a saúde e o desenvolvimento infantil<sup>6</sup>. Como destaca Rosamaria Carneiro (2021), a ideia de que “as crianças ‘devem’ ficar longe da tecnologia e das telas de maneira geral e contar com a atenção de pais presentes — geralmente, vale ressaltar, muito mais a das mães do que a dos pais” (p. 9) — faz parte de um modelo de parentalidade contemporânea de camadas médias que a autora denomina de “maternidade consciente”.

A fim de orientar os pais de camadas médias a como gerir o cuidado de crianças diante da suspensão das atividades presenciais escolares, logo nos primeiros meses da crise sanitária, durante o período mais extremo do isolamento social (entre março e junho de 2020), proliferaram nas redes sociais uma série de conselhos de especialistas que contribuíam para evidenciar as normas de “boa parentalidade” na pandemia da Covid-19.

---

<sup>6</sup> Albuquerque *et al.* (2023) apresentam uma visão crítica de tal abordagem, considerada determinista e que não leva em conta os contextos sociais em que está inserida a criança e sua família.

Ao explorar as dicas e os conselhos de especialistas compartilhados no grupo de pais ao lado das narrativas das próprias mulheres sobre o período de suspensão prolongada das atividades escolares presenciais, nosso interesse é compreender como as medidas sanitárias associadas à pandemia da Covid-19 afetaram não apenas os arranjos de cuidado de crianças, mas também as “experiências morais” (Zigon; Throop, 2014) de maternidade nas camadas médias urbanas no Brasil contemporâneo.

Ao observar narrativas de humor que circulam nas redes sociais, Xu (2022) sugere que essa forma de discurso constitui uma crítica à realidade social cuja audiência são pessoas com experiências similares. Como evidenciam as mensagens de humor que circularam em março de 2020 no grupo de *WhatsApp* pesquisado, a maternidade/parentalidade foi caracterizada nesse contexto como uma experiência moral particularmente negativa:

*“Se começaram a fechar as escolas e todas as crianças tiverem que ficar em casa, CERTEZA que logo mais uma mãe aí descobre a cura pro CoronaVirus!”.*  
*“Pessoas SEM crianças em casa: aproveitem esse período para deixar a leitura em dia, aproveitem os canais liberados da net, façam faxina, façam uma viagem interior, trabalhem de home office. Pessoas COM crianças em casa: sinto muito”* (Autor desconhecido, mensagem encaminhada no grupo de *WhatsApp* de pais da creche privada em 22/03/20).

Após três meses de isolamento social, sem ainda qualquer perspectiva de controle da crise sanitária e de reabertura das creches e escolas, imagens idealizadas e romantizadas da parentalidade no contexto pandêmico também circularam nesse grupo de *WhatsApp*, curiosamente engendradas pelo compartilhamento do texto de um pai publicado em uma coluna de jornal. No texto, o colunista conta que sua filha de dois anos pedia todos os dias para ir à praia. Diante da dificuldade de explicar a pandemia, o pai um dia apontou um tapete azul na sala, dizendo que seria a praia e começaram a brincar, imaginando a cena completa e outros objetos da casa que já foram reinventados. E, por fim, ele conclui:

[...] muitas vezes invejamos os amigos sem filhos. Os livros que estaríamos lendo, os filmes, as séries, os instrumentos que aprenderíamos a tocar. Mas o tapete seria apenas um tapete. E a vassoura apenas a vassoura. Não sei o que seria de nós sem a companhia de alguém que nos faz ver, em cada canto da casa, todas as possibilidades do mundo (Duvivier, Folha de São Paulo, 04/06/2020).

O texto disparou relatos de cenas semelhantes por parte das mães de crianças que inventavam seus próprios mundos imaginários dentro de casa, ressignificando objetos. Uma mãe contou que fez em casa um circuito onde almofadas eram areia movediça, bancos eram montanhas para escalar e lençol nas cadeiras eram cavernas. “Já teve cordas no chão como cobras, papel picado que era o chão quente!! Aqui é muita aventura porque João é muito agitado!” (Mensagem no grupo de *WhatsApp* de pais da creche privada, 04/06/20). Mas, ao invés dos benefícios da quarentena com crianças, o que essas mulheres enfatizavam nesses relatos eram os desafios, os sacrifícios, a dedicação e a inventividade materna para tornar a vida ordinária no confinamento doméstico mais habitável para as crianças e para si próprias.

Uma mãe que sempre compartilhava atividades criativas que fazia com o filho, contou que não acontecia todo dia, mas sim umas duas vezes por semana e que precisava trabalhar até três da manhã para compensar o tempo dedicado às brincadeiras. Outra mãe com dois filhos pequenos, comentou que fez circuitos com fita crepe no chão em formas geométricas e o filho mais velho amou: “foi o que me salvou quando meu marido ficou internado e eu fiquei sozinha com uma criança de 3 anos e um bebê recém-nascido” (Mensagem no grupo de *WhatsApp* de pais da creche privada, 04/06/20).

Apenas uma das mães entrevistadas enfatizou a maternidade pandêmica como uma experiência particularmente positiva e idealizada por ter passado mais tempo com o filho. Como profissional de saúde que não trabalhava em “área covid”, ela teve sua carga horária de trabalho reduzida sem prejuízo financeiro durante a pandemia e isso possibilitou uma reaproximação que era desejada com o filho:

*Quando começou o isolamento parecia que eu estava pedindo... Deus me livre que foi por essa razão, mas parecia que eu estava pedindo para ter esse tempo com o ... para poder ajudar eu e ele, porque eu estava sentindo essa falta e eu simplesmente parei de trabalhar meio período, meia carga horária de trabalho, podendo dar atenção. Eu gosto da maternidade, eu gosto de ser mãe, eu gosto disso e eu perdi isso ao longo de 2019. [...] Então acho, nesse sentido, foi muito bom, nessa reconstrução de uma coisa que eu queria que era a maternidade real e que eu consegui ter, porque meu trabalho me permitiu isso (Entrevista presencial, 15/02/2023).*

Vale destacar que, coincidentemente ou não, essa é também a única mulher negra de classe média entrevistada. A possibilidade de maternar os próprios filhos (e não os filhos de pessoas brancas) tem sido visto por muitas mulheres negras não como opressão (como para feministas brancas), mas como oportunidade de “constituir um lar” (hooks, 2019), como uma forma de resistência ao racismo estrutural e a duração da colonialidade que atualiza um sistema de reprodução estratificada na sociedade brasileira (Colen, 1995). Importante notar também que ela foi uma das poucas mulheres entrevistadas que não trabalhava em casa e contou com o apoio da avó nos cuidados da criança durante o período.

Além do compartilhamento das performances cotidianas para o entretenimento das crianças em contexto pandêmico, circularam no grupo de *WhatsApp* de pais, orientações de especialistas que valorizavam a intensificação da convivência doméstica entre pais e filhos. Nesse contexto, a experiência da quarentena é projetada como uma oportunidade privilegiada de resgate dos vínculos parentais fragilizados, como sugere a mensagem atribuída a uma professora com perfil público no *Instagram*:

*Pais de classe média preocupadíssimos com ‘conteúdo escolar’, agora é hora de investir no ‘conteúdo humano’. Cozinhe com elas, arrume a casa com elas, ensine-as sobre higiene e cuidado. Cante com elas, conte histórias, faça pipoca e compartilhe desenhos e filmes, converse sobre eles, leiam juntos, rezem juntos. Aproveite para conhecer seu filho. [...] Existem muitos “conteúdos” que podemos aproveitar para desenvolver nesse período de crise e reclusão essenciais para a formação desse ser humano. Conteúdos que andam bem negligenciados (Andréa Serpa, mensagem encaminhada no grupo de *WhatsApp* de pais da creche privada em 21/02/2023).*

Como é possível notar, a orientação da parentalidade intensiva<sup>7</sup> na pandemia que circulou nas redes sociais é direcionada para pais de uma classe social específica. Além disso, observa-se que o discurso especializado não veicula apenas dicas sobre atividades com crianças no contexto extraordinário da pandemia, mas também julgamentos morais sobre a parentalidade das camadas médias na vida ordinária. Na mensagem acima, a educadora critica a falta de tempo associada à intensa externalização dos cuidados por pais de camadas médias, bem como a visão conteudista sobre a educação de crianças a eles atribuídas.

Ao destacar o envolvimento nos serviços domésticos como uma novidade propiciada pelo evento crítico da pandemia, a educadora parece reconhecer e criticar implicitamente o fato de que, na vida ordinária, essas tarefas são terceirizadas nas famílias de classes abastadas brasileiras (Ramos-Zayras, 2020). Entretanto, ao invés de ser valorizada como oportunidade de ruptura com práticas ancoradas em desigualdades estruturais, fruto de um passado colonial, a realização de serviços domésticos aparece antes como mais uma atividade que permite o estreitamento do convívio entre pais e filhos e como parte de um conjunto mais amplo de prescrições morais sobre as responsabilidades parentais cotidianamente negligenciadas.

Ao longo das entrevistas, uma das mães que passou a cozinhar a própria comida vivenciou essa experiência como uma oportunidade de aprendizado e outra narrou de maneira positiva ter compartilhado essa atividade com o filho. Ambas as mulheres que destacaram essa atividade de maneira positiva conseguiram separar o tempo-espço do trabalho profissional e do cuidado a partir da ajuda das avós. Mas, na maioria dos casos, os serviços domésticos eram narrados pelas mulheres de maneira queixosa como atividades que aumentavam a sua sobrecarga de trabalho reprodutivo. Justamente para auxiliar nessas tarefas socialmente mais desvalorizadas é que em alguns lares a empregada doméstica foi mantida, de maneira cotidiana ou esporádica, ou foi um dos primeiros contatos a serem retomados no processo de flexibilização do isolamento social.

Uma entrevistada que contou com o apoio considerado indispensável da empregada doméstica ao longo de toda a pandemia disse que, embora não brincasse, a funcionária auxiliava nas tarefas cotidianas de cozinhar, limpar, vestir, dar banho e alimentar, enquanto a mãe, que estava em *home office*, buscava ofertar o cuidado na forma de afeto, atenção e brincadeiras com a filha. Embora esse tipo de relato tenha aparecido nas entrevistas, a

---

<sup>7</sup> “Baseada contemporaneamente no afeto e na presença, e veiculada em livros, sites, blogs e Instagram” (Carneiro, 2021, p. 9), a parentalidade intensiva se relacionada com a ideia propagada por especialistas de que os pais devam se dedicar ao máximo aos cuidados e a educação de seus filhos. É frequentemente vinculada ainda à ideia de “criação com apego”, “termo usado a partir dos escritos de Carlos Gonzales, pediatra espanhol, que defende o máximo de presença física e emocional junto as crianças, com cama compartilhada, livre demanda para amamentação, não terceirização dos cuidados com as crianças e assim sucessivamente (Carneiro, 2021, p. 5).

presença dessas mulheres trabalhadoras no espaço doméstico foi um tema totalmente silenciado nos relatos públicos sobre o cotidiano pandêmico, o que revela quais experiências tendem a ser visibilizadas ou invisibilizadas no grupo de pais e outras narrativas públicas sobre maternidade na pandemia.

Ao evidenciar o contraste entre os discursos públicos no grupo de pais e as práticas cotidianas parentais, não pretendemos promover um julgamento moral das mulheres de camadas médias que, na falta do apoio de parceiros ou da família extensa, recorreram a esse tipo de serviço para poder trabalhar e ao mesmo tempo garantir o cuidado dos filhos. Nosso intuito é destacar como a “ética ordinária” (Das, 2012) dessas mulheres foi moldada em meio a constrangimentos diversos: de um lado, uma audiência de pares que compartilham moralidades por meio de imagens idealizadas e discursos de especialistas; de outro, uma gestão estatal da pandemia que fez com que todas as atividades econômicas, inclusive os serviços domésticos, fossem retomados antes das creches e escolas.

A super responsabilização parental e a completa desresponsabilização estatal pelo bem-estar emocional das crianças em tempos de crise é sintetizada na conclusão da mensagem dessa educadora, que circulou no grupo de *WhatsApp* em 21 de março de 2020: “daqui a alguns anos você vai lembrar da pandemia, da quarentena, da insegurança, da angústia. Mas seu filho poderá se lembrar como o melhor tempo que passei com meus pais! Depende de você!!”.

De maneira geral, as mães do grupo elogiavam os textos e pareceram sentir-se moralmente valorizadas por essa construção idealizada da parentalidade das camadas médias em tempos de pandemia, ao mesmo tempo que, em alguns momentos, reconheciam seus privilégios de classe: “eu passei toda pandemia trabalhando no conforto de casa, sem perder emprego, com o salário na conta. Isso é um privilégio, porque teve muita gente que passou dificuldade”, afirmou em entrevista uma mãe solo, ao mesmo tempo que enfatizava as dificuldades de conciliar o *home office* com o cuidado do filho e da casa, sem o apoio da creche e da empregada doméstica.

Se, de um lado, essas formas de aconselhamento que responsabilizam as famílias consideradas aptas em garantir o bem-estar das crianças em um contexto de crise favorecem a idealização da figura sacrificada da mãe sobrecarregada de camadas médias, de outro, engendra não apenas mais sobrecarga a essas mulheres, mas também experiências parentais atravessadas por sentimentos morais negativos por parte daquelas que “falham” nas suas responsabilidades e não estão à altura das expectativas (Fonseca; Marre; Rifiotis, 2021). Isso porque, como destaca uma mãe entrevistada, “a sociedade construiu a gente assim, e a gente assumiu esse papel. [...] Eu sou a mãe, eu tenho que assumir, eu que tenho que arcar, eu que tenho que fazer” (Entrevista presencial, 15/02/23).

A eficácia do “dispositivo materno”, que orienta não apenas os comportamentos,

mas também as emocionalidades desejáveis (Zanello *et al.*, 2022), fica evidente nas narrativas de algumas mães entrevistadas que deram destaque ao sentimento de frustração e sofrimento por terem se tornado uma “presença ausente” na vida dos filhos. Esse sentimento é evidente no depoimento de uma executiva bastante ocupada que aborda a intensificação de um desafio ordinário de mães de camadas médias que lutam por encontrar equilíbrio entre carreira e vida familiar:

*Tinha dias que era um pouco frustrante, porque era muito trabalho, ele demandando muito e uma sensação de você não estar. A sensação de não estar inteira em nenhum lugar. Então, assim, nos dois lugares, eu tinha a sensação de que eu não estava dando conta, sabe? Eu tenho muito trabalho, não estou dando conta do meu trabalho e eu não sou uma boa mãe. Acho que foi o mais triste para o Guto, porque eu era uma presença ausente, e isso me doía muito, o fato dele olhar para mim, eu estar ali, mas assim, ele não conseguia me acessar, eu não estava disponível para ele e isso para mim foi uma realidade muito dura de encarar. Quando você deixa em outro lugar, a criança está lá fazendo outra coisa e você sai sem pensar sobre aquilo, e cada um está vivendo uma vida. Quando estava todo mundo no mesmo ambiente, eu tinha que conciliar e aquilo ali gerou muita frustração (Entrevista presencial, 09/02/2023).*

Outra mãe entrevistada, que até então também trabalhava o dia todo fora enquanto a filha ficava sob os cuidados da babá de manhã e da creche à tarde, destacou a dificuldade de estar em casa sem poder dar atenção à filha. A mãe trabalhava de *home office* na sala no mesmo ambiente em que a filha brincava sozinha. Esse convívio mais intenso entre elas, mas sem que a mãe tivesse disponibilidade de tempo para dar a atenção que a criança demandava (e os especialistas recomendavam), foi motivo de sofrimento para ambas:

*Ela não conseguiu inicialmente entender que a mãe dela não estava ali para ela. Eu sempre estive em casa para ela. Então, foi muito, muito, muito difícil essa coisa do cuidado com a Milena, foi muito desafiador, assim, ver que ela estava largada em casa e eu não estava conseguindo nem colocar ela para assistir aula on-line conseguia (Entrevista presencial, 06/03/2023).*

Além das exigências relacionadas aos desafios de equilibrar cuidado e trabalho remunerado, as mães sentiam-se moralmente cobradas a se envolverem nas tarefas escolares, como frequentemente ocorre na vida ordinária. Enquanto algumas mães, ainda que exaustas, valorizavam seus esforços em realizar em casa atividades pedagógicas enviadas pela creche ao longo da pandemia, aquelas que não conseguiram se sentiam culpadas por não o fazer (Zanello *et al.*, 2022).

Esse sentimento de culpa materna é evidente na fala de uma mulher entrevistada que passava o dia fora trabalhando em *home office* em outro apartamento enquanto o filho passava o dia em casa com a avó. Segundo o relato da mãe, a avó deixava a criança a maior parte do tempo brincando sozinha ou na televisão, sem fazer atividades enviadas pela creche ou aulas on-line: “Você começa a ficar também preocupado com a criança está perdendo o tempo de desenvolvimento importante. [...] E ele não fez nada, eu me senti uma mãe muito leviana” (Entrevista presencial, 09/02/23).

Se a falta de atenção era vivenciada como “culpa materna”, o excesso também podia

ser motivo de condenação moral aos olhos de outros especialistas. A mesma mãe que destacou o sofrimento por estar em casa sem poder dar a costumeira atenção à criança, contou também que voltou para a terapia a fim de aprender a dizer “não” para a filha. Segundo sua psicóloga, o seu hábito de atender prontamente a todas as demandas da criança teria levado a uma baixa tolerância a frustrações. “Minha terapeuta até usou um termo: “Mãe é super”... amei o termo que ela usou, mas eu esqueci; super cuidadora, super acolhedora... negócio assim, e que são mães que ficam em cima, está sempre ali sabe? Não deixa faltar, não tem falta” (Entrevista presencial, 06/03/23). Enquanto essa mãe contou com a ajuda e a orientação da sua terapeuta pessoal, outra mãe, que tinha um filho com um diagnóstico que demandava uma série de terapias, conta que buscou ativamente dicas de uma psicóloga especialista parental nas redes sociais:

*Eu encontrei uma psicóloga, PsiMama, não sei se você conhece ela no Instagram. Então, ela ensina muito coisa em relação de como lidar com criança, que até então eu não tinha noção nenhuma de como lidar com criança, por que tem várias fases né? Que a criança passa, questão do cérebro dela, questão de consciência, essas coisas todas, né? E ele era muito agitado, a gente não sabia lidar com o agito dele, entendeu? Com três anos teve virada de chave nossa também, tudo na pandemia, dentro de casa. Eu comecei a me dedicar a estes conhecimentos. Comecei a ler muito sobre isso, acompanhar, ver vídeos. Nossa relação mudou muito. Facilitou a forma de falar com ele, dele ouvir, sabe? Algumas dicas para educar e ele mudou automaticamente. Bem legal assim, que a gente aprendeu mesmo. Melhorou, melhorou muito (Entrevista presencial, 15/02/2023).*

Esse depoimento revela como as mídias sociais, ao mesmo tempo que criaram novas demandas de maternidade intensiva, tornaram-se também, em alguns casos, uma fonte inestimável de apoio (Green; O’Reilly, 2021). Enquanto as dicas dessa psicóloga sobre como aprimorar a comunicação com a criança foram consideradas úteis por essa mãe, as orientações e atividades compartilhadas pela creche e pelos diversos terapeutas que assistiam seu filho geraram uma enorme sobrecarga e revelaram-se inviáveis de serem seguidas. Com isso, ao longo do tempo, os pais dessa criança sentiram a necessidade de relaxar as normas da “boa parentalidade” durante a pandemia:

*Em casa a gente tentou usar todas as metodologias, todas que a escola falava para a gente fazer, a gente fazia, né? “Faz amarelinha, pinta com a criança”, então a gente tentava. E ele fazia as terapias também. Então, o pessoal mandava muita coisa para gente brincar em casa, e a gente lia muita coisa, como interagir com a criança, que a gente não queria tela à princípio. No primeiro mês, a gente ficou extremamente assim, dedicado com a forma dele brincar e depois a gente não aguentou e a gente colocou na televisão. A gente se esforçou. Além da escola, tinha terapia que era on-line, então, foi isso: escola on-line, terapia on-line. Só que quem fazia era a gente. Ela passava as atividades e a gente que fazia. Era psicóloga, era terapeuta ocupacional e fono [fonoaudióloga] também. No primeiro mês, até ficou complicado para a gente, porque a gente achou que ele tivesse que fazer tudo, entendeu? Que a gente tivesse que educar ele do jeito que a escola educa, do jeito que a terapia educa, entendeu? Chegamos até a chorar. A gente sofreu muito este primeiro mês por causa disso. E depois a gente relaxou. A gente o deixava fazer o que a gente conseguia fazer, né? Que, além disso, a gente tinha que fazer comida, trabalhar, eu estava no final do meu doutorado. Era estressante tanto para ele quanto para mim (Entrevista presencial, 15/02/2023).*

Como fica evidente pelos desabafos sobre momentos de cansaço e frequente

insucesso em dar atenção suficiente aos filhos ou garantir o equilíbrio emocional das crianças e de si própria, as orientações de especialistas parentais, educadores e psicólogos também reforçavam cobranças subjetivas e tinham como efeitos a produção de parentalidades hierarquizadas que, associadas a regulações de gênero diferenciadas, fazem com que mulheres se sintam constantemente ameaçadas e moralmente constrangidas a se afastar de figuras poluidoras das “maternidades erradas” (Fernandes, 2021).

Em função disso, circularam também no grupo do *WhatsApp* outras recomendações em sentido oposto que sugeriam aos pais e, especialmente, as mães, “relaxarem” e “pararem de se cobrar tanto”. Tais mensagens, sempre atribuídas a especialistas e direcionadas às famílias de camadas médias, orientavam, por exemplo, aos pais não se preocuparem tanto com atividades escolares e com o tempo de tela, ou seja, orientavam aos pais a flexibilizarem e/ou reconfigurarem as normas da “boa parentalidade” em tempos de pandemia.

Observa-se, assim, que as políticas da parentalidade engendradas pela suspensão prolongada das atividades escolares presenciais durante a pandemia da Covid-19 no Brasil foram caracterizadas por orientações contraditórias e tiveram efeitos paradoxais. De um lado, as famílias de classe média foram simbolicamente valorizadas e, ao mesmo tempo, super responsabilizadas pelo bem-estar das crianças, ao serem incentivadas a investir nos vínculos e afetos parentais. De outro, foram simultaneamente orientadas a não se “cobrarem tanto” e moralmente autorizadas a flexibilizar as regras da “boa parentalidade” durante a pandemia.

## **ENTRE A ESCASSEZ E AS AJUDAS: O FECHAMENTO DAS CRECHES NA PANDEMIA PARA MULHERES DE CLASSES POPULARES**

A escassez de vagas em creches públicas é uma experiência ordinária nas classes populares brasileiras. Em um universo social em que grande parte da população não tem acesso à creche, o que significou o fechamento dessas instituições para quem tinha filhos nelas matriculados? Qual o peso de importância que as mulheres que são mães de crianças pequenas nas classes populares deram à suspensão das atividades presenciais nas creches públicas? Como ficaram os arranjos sociais e familiares a partir do momento em que as creches fecharam? Quais mecanismos alternativos foram acionados para que o cuidado de crianças pequenas fosse possível sem o apoio das instituições de ensino? Foram utilizadas as “ajudas” da família extensa ou redes de vizinhança (Guimarães; Vieira, 2020), ou as “casas de tomar conta”, espaços informais de cuidado de crianças presentes na periferia (Fernandes, 2021)? Quais foram os principais desafios enfrentados pelas famílias de classes populares durante o período do fechamento das creches?

Analisando redes sociais de grupos de pais, notou-se que um dos principais desafios

de mulheres de camadas médias, como já descrito aqui, era a dificuldade de conciliar o *home office* com as necessidades e demandas de cuidado dos filhos pequenos. Já nas redes sociais de responsáveis de alunos da rede pública, verificou-se que “a principal preocupação girava em torno da segurança alimentar das crianças, materializada na luta pelo cartão alimentação<sup>8</sup>” (Lowenkron, 2022) e/ou pelo auxílio emergencial<sup>9</sup>. Nessa parte do artigo, pretendemos aprofundar essa discussão sobre a repercussão da prolongada suspensão das atividades presenciais escolares em classes populares a partir da perspectiva de mulheres mães cujos filhos estavam matriculados em uma creche pública localizada em uma comunidade da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Muitas dessas mulheres, especialmente as negras, mais que invisibilizadas, foram lembradas ao longo da pandemia não pelas suas próprias demandas ou por seu papel de exercer cotidianamente o trabalho de cuidado de seu entorno ou família. Elas foram lembradas, ao contrário, justamente pelo que deixaram de cumprir a partir do momento de recrudescimento do isolamento social. Trata-se das babás e empregadas domésticas, algumas das quais foram dispensadas (de forma remunerada ou não) e, temporariamente, perderam o papel historicamente imposto a elas, desde as mucamas e as mães pretas — figuras tão bem descritas por Lélia González (1984) — deixando as mulheres que tinham uma “possibilidade de terceirização dos trabalhos de cuidado” (Cortez, 2022) sem poder contar com esse suporte.

Podemos, também, citar um trágico símbolo das mulheres negras na pandemia: Cleonice Gonçalves, uma mulher negra, de 63 anos, que trabalhava como doméstica na zona nobre do Rio de Janeiro, foi a primeira vítima fatal da Covid-19 no estado fluminense (Lacerda, 2022). Trazemos o exemplo das babás e empregadas domésticas para ilustrar as enormes diferenças que podemos encontrar dependendo da perspectiva da qual se reflete acerca do período de fechamento das creches.

Como já amplamente discutido em diversos estudos, a pandemia desnudou graves desigualdades sociais pré-existentes no Brasil, aprofundando-as e perpetuando-as. Analisar e debater acerca da repercussão do fechamento das creches públicas na vida das famílias de classes populares com crianças pequenas ajuda a refletir mais profundamente a partir de um recorte de gênero, classe, raça e território, tais desigualdades. Incluir a população assistida pela creche pública para compreensão das experiências de maternidade durante a pandemia

---

<sup>8</sup> A partir de agosto de 2020, a Prefeitura do Rio de Janeiro organizou, através das escolas municipais, a entrega para os familiares de um cartão alimentação no valor de R\$ 54,25 por criança matriculada. O objetivo seria, segundo a Prefeitura, garantir a alimentação das crianças que, por conta da suspensão das aulas, estavam sem merenda escolar.

<sup>9</sup> Auxílio emergencial foi um benefício financeiro concedido pelo governo federal, desde abril de 2020, para a população considerada mais vulnerável, como uma proteção emergencial em tempo de crise causada pela pandemia da Covid-19.

da Covid-19 é fundamental para dar visibilidade a uma parcela da população que é historicamente oprimida e marginalizada e que, especialmente durante aquele período, ficou ainda mais desassistida.

Relatórios, manuais e orientações sobre parentalidade e cuidado com crianças durante a pandemia são quase que, por definição, universalizantes e generalizantes. Os debates públicos, políticos e acadêmicos em relação à suspensão das atividades presenciais de ensino não foram diferentes. Em geral, o que vimos foram análises e recomendações que falavam de forma genérica sobre (ou para) mães que estariam passando por dificuldades com seus filhos em casa, após tanto tempo de creches e escolas fechadas. A questão é que esse debate foi construído em uma perspectiva baseada hegemonicamente em experiências de mulheres de camadas médias. Pouco foi levada em conta a visão de famílias de classes populares vinculadas às creches públicas, mesmo que estas tenham permanecido fechadas por muitos meses a mais que as privadas.

Ao procurar estudos sobre o trabalho de cuidado com crianças durante a pandemia, encontramos majoritariamente pesquisas sobre mulheres de camadas médias e brancas em estudos amplamente realizados a partir de questionários on-line. Carneiro e Muller (2020) estudaram os impactos da pandemia na vida de mulheres acadêmicas que são mães, questionando o quanto de extraordinário havia em seu cansaço materno por conta do isolamento social. Livia Dorna (2021) organizou uma pesquisa para analisar o trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia através de um questionário que foi respondido de forma virtual por 360 mulheres das quais 73% eram brancas e apenas 13% não tinham o ensino superior completo. Em pesquisa sobre maternidade na pandemia, em que mulheres responderam questionário on-line, Zanello *et al.* (2022) explicam o fato de as respondentes terem sido majoritariamente de classe média e classe média alta:

Embora não tenha sido intencional, o fato de que a participação nesta pesquisa dependesse do acesso à internet, somado ao critério de que a mulher estivesse fazendo distanciamento social em casa, engendrou um importante recorte social: a maioria das respondentes era pertencente aos segmentos socioeconômicos mais favorecidos, de classe média e classe média alta, com elevado nível de escolaridade. Além disso, as respondentes foram majoritariamente brancas, constituindo quase 70% da totalidade de mulheres, evidenciando como, em nossa sociedade, a configuração das classes socioeconômicas é informada e organizada pelo racismo. Portanto, é necessário salientar que nossos achados e discussões referem-se ao exercício da maternidade e do cuidado na pandemia de Covid-19, única e especificamente entre mulheres desse segmento socioeconômico que, comparativamente a grande parte da população brasileira, tem vivenciado essa crise sanitária e social a partir de um lugar de múltiplos privilégios (Zanello *et al.*, 2022, p. 8).

Esses são exemplos de alguns trabalhos importantes que mostram que é possível fazer reflexões profundas sobre a feminilização do cuidado a partir da análise de mulheres com um nível sócio-econômico mais elevado. Mas consideramos importante investir também em análises comparativas que permitam discutir o cuidado como um conceito fortemente

marcado pela questão do gênero, mas também pela de classe social e raça. Nesta parte do artigo, portanto, nosso inuito é compreender como o prolongado fechamento das creches públicas durante a pandemia da Covid-19 foi experimentado por mulheres de famílias de classes populares no Rio de Janeiro em relação à gestão cotidiana do cuidado de crianças pequenas.

Nesta parte do artigo, analisamos as narrativas das mulheres que participaram de uma roda de conversa que conduzimos dentro da creche de uma favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, em que os filhos da Letícia haviam estudado. Na ocasião da preparação da atividade, as profissionais da educação haviam dito que gostariam muito que Letícia, que é pediatra, falasse com as mães sobre a “importância de cuidar da saúde das crianças e que elas não podem levar para a creche seus filhos doentes”. Esse apontamento reflete o reforço de um estereótipo de que as mães, especialmente as negras e “faveladas”, precisam ser convencidas a cuidar da saúde de seus filhos, como se elas não tivessem essa preocupação. E, de forma indireta, reflete a precariedade na assistência em saúde dessa população mais periférica. Seria necessário aproveitar qualquer oportunidade de se ter uma pediatra disponível a orientar àquelas famílias. De qualquer forma, havia sido explicado à equipe da creche que o objetivo da roda de conversa não era aquele almejado por elas, o que foi aceito na ocasião.

Quando chegamos à creche para nossa roda de conversa, a diretora e algumas professoras estavam finalizando a decoração do projeto Participa Criança Carioca, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. Havia alguns quadros com fotos das crianças em locais públicos do bairro onde costumam brincar (cachoeira, pracinha, campo de futebol, shopping, pula-pula, praia). Em seguida, uma espécie de varal com pombas da paz artesanalmente confeccionadas, tendo como molde as mãozinhas das crianças, junto com corações. Na parede, um muro também com uma pintura das crianças e com vários papéis, alguns com falas das crianças e muitos redigidos pelos pais, respondendo a pergunta “o que você gostaria que melhorasse no seu bairro?”.

No cartaz das respostas das crianças do Maternal II (3 anos), nos impactou a frase: “quero que a polícia não dê mais tiros na minha casa”. Já nos balõezinhos com as respostas dos pais, estes demandavam basicamente melhoras no lazer, saúde e segurança, além de outras solicitações que evidenciam a precariedade nos serviços públicos (iluminação, asfalto, limpeza). Enquanto líamos os papeizinhos, a diretora se aproximou e nos contou o contexto que acredita que tenha influenciado o fato de que muitos materiais tenham destacado a segurança. Na semana anterior, havia ocorrido uma operação policial nas comunidades vizinhas a que a unidade escolar está inserida e os policiais dispararam tiros de fuzil na proximidade da creche, além de ficar com o “Caveirão” na porta. O episódio, ocorrido no horário próximo a saída das crianças, causou grande transtorno aos profissionais, crianças e

responsáveis, que se protegeram nos corredores da creche.

Apesar da creche estar localizada na subida da comunidade, não era comum esse tipo de acontecimento, o que causou espanto, indignação e também a mobilização escolar em torno desse tema. Esse episódio nos fez refletir como a creche pública é entendida por moradores da favela, entre outras coisas, como um espaço privilegiado de segurança e proteção, caracterizando-se por uma presença estatal feminilizada (Fernades, 2021) que cuida das crianças da comunidade no interior de um território marcado pela escassez de serviços públicos e pela presença estatal violenta, masculinizada e opressiva da polícia militar.

A porta da creche foi finalmente aberta e as crianças começaram a entrar com seus responsáveis e uma das profissionais da direção chamava para a nossa atividade: “Fiquem para a atividade da pediatra” ou “Participem da palestra sobre a saúde das crianças”, mesmo com a explicação prévia de que não era esse o objetivo. Após ajuste da diretora com quem estávamos em contato, a outra profissional começou a chamar as pessoas para a palestra sobre “cuidados das crianças na pandemia”, o que, de fato, estava mais de acordo com nossos objetivos.

Cerca de 10 minutos após o horário de entrada das crianças, iniciamos a atividade com um número próximo de 15 pessoas, a grande maioria de mulheres (havia 2 ou 3 homens), majoritariamente negras e jovens. Letícia iniciou falando que a pandemia mostrou que a saúde não é um problema individual e sim coletivo, mas que o cuidado com as crianças e com a casa ainda é visto como uma questão individual. Já Laura deu um breve panorama geral da gestão do fechamento das escolas e creche na pandemia da Covid-19 e sobre a invisibilidade do cuidado nesse debate, mais como uma fala disparadora para que pudéssemos ouvir as pessoas ali presentes sobre suas experiências de parentalidade nesse período.

Nem todas as mulheres que estavam lá eram mães na pandemia. Algumas contaram experiências de gestação e parto durante o período e não de cuidado com crianças. Outras tinham filhos mais velhos, mas os que atualmente estão na creche eram bebês na pandemia. Uma das questões mais presentes nas falas das mulheres foram as dificuldades financeiras impostas pela crise sanitária e social da Covid-19. A maioria das mulheres que se manifestaram não estava trabalhando ou parou de trabalhar na pandemia. O tema do auxílio emergencial como “ajuda” fundamental para a sobrevivência no período esteve presente. Também foram destacadas as “ajudas” dos donos de imóveis. Uma mulher, alta, negra, com bonitas tranças em seu cabelo, contou que o proprietário da casa em que mora deixou sua família se manter no imóvel mesmo sem pagar o aluguel, pois compreendeu a situação. Ela explicou que ela e seu marido trabalhavam com eventos de samba e que a proibição de aglomeração a deixou sem recurso financeiro.

O que é pertinente destacar aqui é que os desafios financeiros no período pandêmico ganharam mais peso nos relatos do que problemas de ordem sentimental. Não que não tenhamos encontrado queixas mais subjetivas. Muitas falaram de como foi difícil passar pelo pré-natal sem poder estar com seus companheiros nas consultas. Também o medo da contaminação de si ou da família apareceu em algumas falas. Mas o que sobressaiu foi a questão dos problemas econômicos e de formas para amenizá-los por meio de “ajudas” de familiares ou dos donos de imóveis, o auxílio emergencial do governo federal e/ou cartão alimentação fornecido pela prefeitura ou, ainda, a distribuição de cestas básicas pela comunidade.

O cuidado nas redes de vizinhança destacado na literatura sobre classes populares (Fernandes, 2020; Guimarães *et al.*, 2020) foi pouco mencionado. As mulheres deram mais ênfase aos cuidados na família nuclear e pelas avós, embora contassem com “ajudas” comunitárias pelas cestas básicas ou não cobrança do aluguel, que foram fundamentais para sobreviver.

Na maioria das falas, a maternidade na pandemia apareceu como uma intensificação da sobrecarga de trabalho feminino de cuidado e uma atividade cansativa para as mães, mas não como fonte de sofrimento. E, ainda que durante a roda de conversa, algumas mulheres tenham destacado que o ingresso ou retorno dos filhos à creche era importante para voltarem a procurar emprego, em outras oportunidades de interlocução mais informais, quando perguntadas por Letícia sobre o que sentiram mais falta da creche na pandemia, a resposta não foi o suporte no cuidado, mas o estímulo ao “desenvolvimento” das crianças.

No dia da roda de conversa, duas mães destacaram atividades que procuraram na internet para desenvolver junto às crianças. Nenhuma das mães que se manifestaram estava em *home office*, de modo que não apareceu entre essas mulheres de classes populares a narrativa de falta de tempo para cuidar das crianças durante a pandemia ou de que o cuidado disputava o tempo do trabalho remunerado. Embora muitas tenham mencionado parceria dos pais e/ou das avós no cuidado de crianças, assim como no grupo das mães de camadas médias apareceu a ideia da mãe é quem mais cuida e/ou quem mais se culpa por não cuidar.

Em relação às experiências de maternidade pandêmicas, algumas falas foram marcantes. Uma mulher, a que trabalha com eventos de roda de samba, ao falar sobre os cuidados com seu filho durante o período em que a creche estava fechada, contou que pesquisou na internet formas de estimular seu desenvolvimento para tentar “compensar” o período fora do ambiente escolar. E, assim, realizava constantemente atividades lúdicas e educativas com a criança em casa. Ela relatou que, após a reabertura escolar, a readaptação de seu filho à creche foi dificultada pelo fato de que ele tinha sido “estimulado demais” e a creche ficou “chata” para ele e ela se sentiu culpada por isso.

O outro relato foi de uma mulher que durante a pandemia estava grávida de seu

terceiro filho e que, com medo de se contaminar no pré-natal e transmitir o vírus aos filhos pequenos, optou por deixar seus outros dois mais velhos na casa da sua mãe por alguns meses, durante sua gestação. Ela conta que, quando seu caçula nasceu, a saudade dos outros ficou mais forte e ela “não aguentou” e foi buscá-los na casa da avó. Ela nos contou que sabia que ficaria cansada, mas que não aguentava mais de saudade. Não era uma opção contar com a ajuda da mãe esporadicamente por conta das questões sanitárias, mas ela preferiu de fato ficar com os três em casa. O tom dessa história contada foi leve, sem marcas de traumas ou ressentimentos.

Muitas relataram medo da contaminação pelo vírus, especialmente no caso de mulheres cujos parceiros trabalhavam fora como entregadores durante a pandemia, desfazendo o estereótipo de que aquelas pessoas não se preocupavam muito com a saúde. Outra mulher, que era de grupo de risco, também conta que sentiu muito medo de se contaminar até tomar todas as doses da vacina. O filho nasceu na pandemia e o desafio foi não o isolamento, mas o retorno e a socialização da criança, que não estava acostumada com outras pessoas.

Trazemos esses relatos para exemplificar narrativas sobre o ato de cuidar de crianças durante a pandemia que fogem ao padrão de maternidade pandêmica como um “fardo” ou uma fonte de sofrimento nesse período. Para uma, a maior culpa veio após a reabertura da creche, quando ela entendeu que estimulou “demais” seu filho, o que teria levado a uma dificuldade de readaptação à instituição de educação infantil. Para a outra, a parte mais dolorosa teria sido ficar sem seus filhos e, quando a situação mais apontava para dificuldades e cansaço (cuidar de um recém-nascido junto com outras duas crianças pequenas), ela optou por cuidar de três crianças durante o isolamento social. A terceira interlocutora, por sua vez, destacou não os desafios do isolamento com um recém-nascido, mas sim o desafios de socialização do bebê pandêmico, com muitos “atrasos” de desenvolvimento. Não citamos esses casos para romantizar a maternidade ou enaltecer os sacrifícios que ela impõe, mas apenas para sinalizar que diferentes narrativas podem ser encontradas em torno da maternidade pandêmica e entender suas singularidades é fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de duas pesquisas etnográficas realizadas em contextos sociais diferentes no Rio de Janeiro, ao longo do artigo procuramos analisar como o prolongado fechamento de creches durante a pandemia da Covid-19 conformou arranjos de cuidado e experiências de maternidade de mulheres brasileiras pobres racializadas e de mães de camadas médias de maneiras diferenciadas. Como foi possível observar, em nenhum dos dois contextos

analisados essas experiências correspondem à experiência idealizada de sofrimento associado à sobrecarga materna com o cuidado de crianças que tem sido privilegiada nas análises e narrativas sobre este tema.

Embora nas performances públicas no grupo de *WhatsApp* a experiência moral de “sobrecarga materna” tenha sobressaído nos relatos das mães de camadas médias, os depoimentos mais íntimos nas entrevistas evidenciaram que as práticas de parentalidade/maternagem do grupo estudado foram consideravelmente diversificadas. Além disso, revelaram que as redes de apoio alternativas à creche, ancoradas na família extensa (principalmente avós) e/ou no trabalho de empregadas domésticas, nem sempre foram suspensas ao longo do período de fechamento das creches e escolas. Contudo, ao transgredirem as prescrições sanitárias de isolamento social e o ideal moral de parentalidade intensiva no contexto da pandemia, esses arranjos que incluíam outras cuidadoras além do casal parental, tão comuns na sociedade brasileira, eram reiteradamente silenciados nos arranjos de cuidado evidenciados nas mensagens que circularam no grupo de pais.

Durante o período de suspensão das atividades presenciais na creche privada, o maior desafio das mulheres de camadas médias entrevistadas foi conciliar o trabalho remunerado e o cuidado dos filhos. Mesmo com a intensificação do trabalho de cuidado e dos serviços domésticos, elas sentiram-se muitas vezes frustradas por não conseguirem dar a devida atenção aos filhos em casa. Esse sentimento pode ser claramente percebido a partir das narrativas de algumas mães entrevistadas, que deram destaque à frustração e ao sofrimento não pela sobrecarga do cuidado, mas por terem se tornado, a partir do *home office*, uma “presença ausente” na vida dos filhos.

Todas elas acessaram as orientações de especialistas parentais e educadores que circularam nas redes sociais, mas esses aconselhamentos poucas vezes ajudavam e frequentemente aumentavam o sofrimento das mulheres que contrariavam as prescrições morais de parentalidade intensiva voltadas especialmente para mães de camadas médias durante a pandemia. A única entrevistada de camada média que relatou uma experiência positiva de reaproximação com o filho nesse período era profissional de saúde e manteve separado o espaço de trabalho remunerado e o doméstico.

Já as mulheres de classes populares que participaram da pesquisa não estavam trabalhando durante a pandemia e valorizaram a oportunidade de cuidado e convívio com os filhos. Suas preocupações eram mais relacionadas às dificuldades financeiras, amenizadas pelas diversas “ajudas” econômicas, seja da família, da comunidade ou das políticas públicas. A preocupação com o desenvolvimento da criança na ausência da creche foi uma preocupação comum entre mulheres de camadas médias e de classes populares e, em ambos os universos, a internet se tornou uma fonte de “dicas” de atividades capazes de estimular adequadamente o desenvolvimento infantil. A família extensa, em especial, as avós, também

apareceu como suporte nos arranjos de cuidado de algumas mulheres de classes populares durante a pandemia, enquanto a alternativa de cuidado remunerado (empregadas domésticas) apareceu apenas nas camadas médias.

Outro ponto de comparação que merece destaque é que a maioria das mães de camadas médias do grupo pesquisado aderiu amplamente ao retorno das atividades presenciais da creche privada assim que esta foi retomada. Já a creche pública visitada sofreu um esvaziamento no retorno às atividades presenciais. Essa falta de adesão ao retorno por parte dessa população após o prolongado fechamento da creche pública precisa ser melhor investigada, mas algumas hipóteses podem ser formuladas. Uma delas é que, como ficou evidenciado na pesquisa de campo, as mães não estavam trabalhando e tinham disponibilidade de tempo para cuidar dos filhos. Outras manifestaram também expressamente medo da contaminação pelo coronavírus em seus bebês ou em si próprias, talvez em função da precarização dos serviços públicos de saúde do qual essa população dependeria caso adoecesse.

Ao mesmo tempo, os sentimentos de frustração e de culpa por não cuidar intensivamente ou não estimular adequadamente o desenvolvimento dos filhos na pandemia nas classes médias e a disponibilidade de cuidar intensivamente dos filhos das mulheres nas classes populares são emoções, disposições e desejos engendrados pelas regulações de gênero ancoradas no mesmo ideal maternalista de cuidado de crianças compartilhado em diferentes estratos sociais na sociedade brasileira. Ideal este que, num processo de mútua constituição ou duplo fazer do gênero e do Estado (Lowenkron, 2017), contribuiu para sustentar as condições de possibilidade para a prolongada suspensão das atividades presenciais nas creches e escolas públicas e privadas e, ao mesmo tempo, foi reforçado pelas formas de gestão estatal da pandemia da Covid-19 no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luciana Santos Guilhom *et al.* Brincar nas, com e apesar das telas. *Estilos da Clínica*, v. 28, n. 1, p. 13-29, 2023.

CARNEIRO, Rosamaria. Cansaço e violência social: sobre o atual cotidiano materno. *Cadernos pagu*, n. 63, e216313, 2021.

CARNEIRO; Rosamaria Giatti; MULLER, Elaine. Afinal, quanto de extraordinário a pandemia de covid-19 soma na vida das mulheres mães. *Áltera*, v. 1, n. 10, p. 441-450, 2020.

CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MCCALL, Leslie. Toward a Field of Intersectionality Studies: Theory, Applications, and Praxis. *Signs*, v. 38, n. 4, p. 785-810, 2013.

COLEN, Shellee. “Like a mother to them”: stratified reproduction and West Indian childcare workers and employers in New York. *In*: GINSBURG, Faye D.; RAPP, Rayna (Ed.). **Conceiving the New World Order: the global politics of reproduction**. Berkeley: University of California Press, 1995. p. 78-102.

CORTEZ, Marina. A administração pública da pandemia, o longo fechamento das escolas e a socialização dos cuidados: notas sobre um debate que não pôde acontecer. *In*: SANCHÍS, Norma (Comp.). **Debates feministas para la recuperación en la postpandemia. Políticas económicas y su impacto en la vida cotidiana de las mujeres**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Red de Género y Comercio, 2022. p. 108-118.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. Berkeley: University of California Press, 2007.

DAS, Veena. Ordinary ethics. *In*: FASSIN, Didier (Ed.). **A companion to moral anthropology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2012. p. 133-149.

DORNA, Livia Borges Hoffmann. O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia de Covid-19: mudanças e permanências. **Laboreal**, v. 17, n. 1, 2021.

DUVIVIER, Gregório. A praia no tapete, o cavalo na vassoura, o mundo inteiro na sala de casa. **Folha de São Paulo**, 4 de junho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2020/06/a-praia-no-tapete-o-cavalo-na-vassoura-o-mundo-inteiro-na-sala-de-casa.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2024.

FAZZIONI, Natália Helou. **Nascer e morrer no complexo do Alemão: políticas de saúde e arranjos de cuidado**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FERNANDES, Camila. A força da ausência: A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. **Sexualidad, Salud y Sociedad- Revista Latinoamericana**, n. 36, p. 206-230, 2020.

FERNANDES, Camila. **Figuras da causação: as novinhas, as mães nervosas & mães que abandonam os filhos**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FONSECA, Claudia; MARRE, Diana; RIFIOTIS, Fernanda. Governança reprodutiva: um assunto de suma relevância política. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, n. 61, p. 7-46, 2021.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

GREEN, Fiona J.; O’REILLY, Andrea (Ed.). **Mothers, mothering, and COVID-19: Dispatches from the pandemic**. Toronto: Demeter Press, 2021.

GUEDES, Moema de Castro. Percepções sobre o papel do Estado, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo: uma análise do Rio de Janeiro. **Cadernos pagu**, n. 47, e164720, 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600470020>

GUIMARÃES, Nády Araujo *et al.* El cuidado: sus formas, relaciones y actores. Reflexiones a partir del caso de Brasil. *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nady Araujo (Comp.). **El cuidado en América Latina: mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. p. 75-117

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 7-24, 2020.

HASTENREITER, Leticia. **O fechamento das creches públicas e o cuidado de crianças na pandemia de Covid-19: uma análise da relação entre o extraordinário e o ordinário a partir das narrativas de mulheres de classes populares no Rio de Janeiro**. 2024. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

hooks, bell. Constituir um lar. Espaço de resistência. //: hooks, bell. **Anseios: Raça, Gênero e Políticas culturais**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 102-117.

LACERDA, Paula. Estado, gênero e Covid-19: trânsitos de mulheres por setores da administração pública em tempos de pandemia. **Mana**, v. 28, n. 1, p. 1-33, 2022.

LOWENKRON, Laura. Gênero, família e Estado: cuidado de crianças, pandemia e a gestão da (não) reabertura escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. e22212, 2023.

MORAIS, Gabriel. Mais de 36 mil crianças estão na lista de espera por creche no Rio. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 05 de agosto de 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/mais-de-36-mil-criancas-estao-na-lista-de-espera-por-creche-no-rio-23854493.html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MORENO, Renata Faleiros Camargo. **Entre a família, o Estado e o mercado: mudanças e continuidades na dinâmica, distribuição e composição do trabalho doméstico e de cuidado**. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RAMOS-ZAYRAS, Ana Y. **Parenting Empires: Class, Whiteness, and the Moral Economy of Privilege in Latin America**. London: Duke University Press, 2020.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana. O care como um regime estratificado: implicações de gênero e classe social. //: HIRATA, Helena e GUIMARÃES, Nadya. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2012. p. 103-116.

TRONTO, Joan C. An ethic of care. **Generations: Journal of the American Society on Aging**, v. 22, n. 3, p. 15-20, 1998.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. **Cadernos pagu**, n. 51, p. e175101, 2017.

XU, Jing. Middle-aged Old Mothers in China: Childrearing Anxiety, Humor, and the Narrative Self. **Ethos**, v. 50, n. 1, p. 50-71, 2022.

ZANELLO, Valeska *et al.* Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, e86991, 2022. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>

ZIGON, Jarrett; THROOP, Jason. Moral Experience: Introduction. **Ethos**, v. 42, n. 1, p. 1-15, 2014.

Recebido em 30 de janeiro de 2024.

Aprovado em 16 de maio de 2024.